

LUIZ ALEXANDRE SOLANO ROSSI

NOS PASSOS DE
SANTA DULCE DOS POBRES,
O ANJO BOM DA BAHIA



LUIZ ALEXANDRE SOLANO ROSSI

**NOS PASSOS DE
SANTA DULCE DOS POBRES,
O ANJO BOM DA BAHIA**



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Apresentação

1º dia

2º dia

3º dia

4º dia

5º dia

6º dia

7º dia

8º dia

9º dia

10º dia

11º dia

12º dia

13º dia

14º dia

15º dia

16º dia

17º dia

18º dia

19º dia

20º dia

21º dia

22º dia

23º dia

24º dia

25º dia

26º dia

27º dia

28º dia

29º dia

30º dia

Coleção

Ficha catalográfica

APRESENTAÇÃO

Antes de ser santa, Dulce foi um anjo. Pois, exatamente assim, ela era conhecida: o Anjo Bom da Bahia. Um anjo com face de santa que fez dos pobres o lugar privilegiado para viver a sua vocação. Encontrou neles o outro Cristo e fez questão de com eles conviver.

Santa Dulce descobriu desde cedo que a presença de Deus acontece de forma privilegiada e diaconalmente entre os vulneráveis. Onde houvesse um vulnerável, lá se encontrava um altar. A sua paróquia era do tamanho das periferias por onde fazia a sua missão.

O coração dela ardia de amor pelos mais pobrezinhos de Deus. Viveu para eles mais do que para si mesmo. Doou-se completamente e, como uma vela, consumiu-se para que seus passos, seus gestos e suas palavras pudessem ser luz para muitos.

Aprendeu que a vida era santa, totalmente santa, porque dada por Deus. Todas as vidas são santas e, por conta disso, precisam ser protegidas. E, assim, descobriu que a santidade da vida é produzida a partir do reconhecimento da dignidade dos outros. Ser santo é amar o humano e cuidar do humano, principalmente dos mais vulneráveis. Reconheceu que todos os caminhos são santos se feitos em direção aos sofredores deste mundo.

Santa Dulce é uma mistura de doçura, intrepidez, ternura, ousadia, solidariedade mesclada com fraternidade, tenacidade e humildade, compaixão e simpatia, o que a levava a viver uma espiritualidade encarnada na realidade. Amava o povo pobre e cheirava a povo. Em sua aparente fraqueza, ela trazia a força do Espírito Santo, que a capacitava a ser discípula e missionária de Jesus.

O livro foi pensado para ser utilizado de forma diária. Nele se encontram trinta meditações para você trilhar durante um mês. Você poderá utilizá-lo como um livro devocional para ler, meditar e rezar, antes de iniciar seu dia repleto de atividades ou ainda para finalizar seu dia. Minha oração é para que Santa Dulce tome você pelas mãos e o conduza por estes 30 dias. Que esses dias possam fazer a diferença em você e que, no final deles, você desfrute das bênçãos de viver o discipulado, a solidariedade e as obras de misericórdia em profundidade, ao lado do Anjo Bom da Bahia!

1º dia



Mensagem

Se quisermos conhecer uma santa brasileira, devemos ter a coragem de andar pelos mesmos caminhos em que ela andou. Caminhos que eram santificados antes mesmo de neles caminhar e que conduziam para onde se encontravam os doentes, os mais pobres e os necessitados. Lugares periféricos, marginalizados e povoados por pessoas esquecidas por todos. Todos! É justamente entre os mais vulneráveis que a santidade da vida irá emergir com toda a sua força.

Quando nasceu, em 26 de maio de 1914, em Salvador, Santa Dulce recebeu o nome de Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes. Ela era a segunda de quatro irmãos: Augusto, Dulce, Aloísio e Geraldo. Seu pai, Augusto Lopes Pontes, era dentista e professor universitário e foi a principal influência de Dulce no que se refere à preocupação com os mais vulneráveis. Tragicamente, sua mãe, Dulce Maria de Souza Brito Lopes Pontes, faleceu aos 26 anos. Restava à pequena Dulce, com apenas 7 anos, chorar de saudade.

Sua vocação começou a se manifestar quando ainda era uma criança. Nessa época, desejava seguir a vida religiosa e, procurando algum sinal que confirmasse seu desejo, ela rezava intensamente. Seguir ou não pelo caminho da vocação religiosa? A vida de oração já se insinuava em Dulce como um dos mais belos exercícios de espiritualidade. Precoce em fazer o bem, na adolescência ela começou a desenvolver sua missão de ajudar os mais vulneráveis de sua cidade: mendigos, carentes e enfermos.

A vocação de Maria Rita crescia e se agigantava a cada dia, e a pobreza a incomodava sobremaneira. Mas quem conhece os caminhos de Deus? Aos 13 anos, ela vive uma decepção que poderia levá-la a trilhar outros caminhos. O Convento de Santa Cruz a rejeita por considerá-la muito nova. Assim, acolhendo a decisão do convento, segue a vida e, em fevereiro de 1932, forma-se como professora primária. Mais do que depressa, no ano seguinte, ingressa na Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, em São Cristóvão, no estado de Sergipe. Nada poderia impedir que os planos de Deus se concretizassem em sua vida.

O ano de 1934 foi intenso e de extrema importância para Maria Rita. Finalmente, os sonhos de criança se materializavam. Nesse ano, ela fez os votos de fé, tornando-se freira e recebendo o nome de Irmã Dulce, em homenagem à sua querida mãe. Nesse momento, ela possivelmente recordou que, desde criança, sonhava os sonhos de Deus.

Era o momento certo para retornar a Salvador, sua cidade natal. Na primeira missão que recebeu, teve o privilégio de ensinar geografia no colégio que era administrado por sua congregação religiosa e de trabalhar como enfermeira voluntária.

Oração

Dores jamais são estranhas, quando reconhecemos que as dores dos outros doem primeiramente em nós.

2º dia



Mensagem

A aparente fragilidade de Irmã Dulce escondia uma pessoa forte e corajosa. Embora fosse pequena e passasse despercebida, suas ações ecoavam longe. Bondade e amor eram, para ela, não expressões de um discurso teórico. Bondade, amor e compaixão eram para Santa Dulce os fundamentos de uma das mais notáveis arquiteturas de obras sociais já vistas no Brasil.

Aos 13 anos, numa idade em que a maioria dos pré-adolescentes preenche seus dias e se preocupa com tantos assuntos pessoais e, de certo modo, sem relevância, ela começou a acolher os doentes e mendigos que encontrava pelas ruas de sua cidade. Bondade, amor e compaixão transformaram sua casa num posto de atendimento àqueles que viviam nas ruas. A relevância de seus gestos fez com que a sua casa passasse a ser conhecida como “a portaria de São Francisco”.

O bom perfume de Cristo se espalhava por onde ela passava. Frágil como uma flor, era capaz de florir lugares onde a maioria das pessoas já havia perdido qualquer esperança. Ela foi contra a lógica da maioria e acreditou com toda a esperança. Onde a maioria somente conseguia enxergar a esterilidade de um deserto, ela conseguia, através da esperança, enxergar e se alegrar com o belo jardim que estava para nascer. Sabia que jardins existem somente se forem semeados.

Na fragilidade dos 13 anos e durante toda a sua vida de saúde delicada, mostrou-nos que Deus habita em vasos de barro. Na fragilidade de um vaso de barro é que se encontra depositado o maior tesouro do mundo. Não estamos acostumados com a lógica diferente de Deus. Geralmente olhamos para os mais fortes e vencedores e dizemos que Deus está com eles. A fragilidade de Santa Dulce nos ensina que Deus age desde o reverso da história e, da fraqueza vivida na periferia da vida, manifesta sua graça e poder.

Santa Dulce, adolescente ou adulta, intuía que Deus se manifestava preferencialmente e desconcertantemente nas periferias sociais e existenciais. Por isso, ela fazia questão de conviver entre os miseráveis e, assim, também experimentar a presença de Deus.

A franzina e delicada Dulce destilava doçura por onde passava.

Oração

Amar é esvaziar-se de si mesmo e se preencher do outro.

3º dia



Mensagem

A primeira missão de Dulce como religiosa foi a de ser professora. Todavia, seu coração ardia em chamas por aqueles que viviam na periferia da vida. Por isso, em 1935, ela inicia um trabalho numa comunidade paupérrima que vivia em palafitas. Eram conhecidos como os pobres de Alagados, num dos bairros da cidade denominado Itapagipe. Posteriormente, ela passa a dar assistência aos operários do bairro. A percepção de Dulce ia muito além de uma assistência episódica. Assim, ela também cria e organiza um posto médico. Incansável e sempre na vanguarda, no ano de 1936 ela funda a União Operária São Francisco, que foi a primeira organização de operários da Igreja Católica do estado da Bahia.

Havia em Santa Dulce uma inquietude que a consumia por dentro. O sonho que acalentava desde a infância havia sido realizado. Era uma freira, e a alegria a dominava por completo. Mas ela sentia que algo ainda estava fora do lugar. Deus deixava seu coração inquieto, e essa inquietude não cessou até o momento em que ela se voltou para os pobrezinhos de Deus. A inquietude que consumia o coração de Santa Dulce somente se aquietou quando ela se converteu aos pobres.

Junto aos pobres de Alagados, ela encontrou definitivamente sua vocação. Descobriu Deus entre os pobres e reconheceu que a solidariedade e o serviço aos miseráveis eram a sua missão. Ao se identificar com os pobres, fez-se pobre. Não se reconheceu mais como uma pessoa diferente, mas como uma delas. Afinal, reconhecer-se como diferente produz distanciamento e, do distanciamento, nasce a insensibilização. Quanto mais distante, mais invisível se tornam aqueles que deveriam ser abraçados e acolhidos. Não vivemos numa sociedade de pessoas visíveis e outras invisíveis. As distâncias que criamos são os melhores ingredientes para o surgimento de uma sociedade apática.

O processo de discernimento de Santa Dulce teve início quando ela ainda era uma criança. No entanto, é possível afirmar que esse processo se encerrou somente quando ela se encontrou com outros "Cristos pobres" em Alagados.

Oração

Há muito mais anjos sem asas do que aqueles com asas. Como notar a diferença?
Basta deixar de olhar para os céus e olhar com mais cuidado para os lados.

4º dia



Mensagem

“Se houvesse mais amor, o mundo seria outro; se nós amássemos mais, haveria menos guerra. Tudo está resumido nisto: dê o máximo de si em favor de seu irmão, e, assim sendo, haverá paz na terra”. “Mais amor” revela que a maior missão que temos é a de cuidar uns dos outros. Lembremos, por exemplo, quando Deus perguntou a Caim onde estava seu irmão Abel, e ele, mais do que rápido, respondeu com outra pergunta, revelando que o cuidado do outro seu irmão era algo raro: “Por acaso sou eu o responsável pelo meu irmão?”. Santa Dulce responderia com um sonoro sim: é claro que somos responsáveis uns pelos outros.

A pergunta de Caim aponta o caminho da fuga e da falta de responsabilidade. Somos responsáveis porque o bem-estar dos nossos irmãos depende do que fazemos ou do que deixamos de fazer. Não vivemos isolados na sociedade. A vida não é uma ilha que nos isola de tudo e de todos. A pergunta de Caim parece servir como uma capa atrás da qual nos escondemos. Não enxergamos o próximo como uma possibilidade de agirmos de forma bondosa e amigável. Talvez vejamos nos outros um inimigo; talvez alguém que esteja disputando conosco a mesma vaga no emprego ou a mesma promoção. Numa sociedade em que o individualismo é festejado, o amor se torna produto exibido em museus.

Devemos olhar para Caim como se fosse para um espelho. Suas palavras e princípios rondam nossos lábios. Talvez não sejamos muito diferentes dele. Mas, talvez, seja mais fácil criticar a postura dele que ver a nossa imagem refletida no espelho. Caim não morreu! Ele continua vivo em cada um de nós. Ele se apresenta todas as vezes que não agimos solidária e amorosamente. Todas as vezes que negamos o bem-estar aos outros, estamos sendo Caim. Caim está mais vivo do que nunca nas famílias, nas escolas, nas igrejas, nas corporações, no relacionamento entre vizinhos. A imagem de Caim nos espreita sorrateiramente todos os dias. Por meio de nossas ações o alimentamos e o convidamos a permanecer diariamente em nossa casa.

Caim não morreu e não morrerá enquanto prolongarmos no presente uma ação que deveria ser apenas uma vaga lembrança. Quais são as razões pelas quais deveríamos cuidar de nosso irmão? Essa é a pergunta que revela a essência de Caim em nós e o próprio erro de Caim. Afinal, quando pedimos as razões pelas quais deveríamos cuidar de nosso irmão, estamos, simultaneamente, renunciando à nossa responsabilidade e, conseqüentemente, deixamos de agir moralmente. Mas por que deveríamos cuidar do nosso irmão?

A única resposta é: porque isso nos faz mais humanos. Tornamo-nos mais humanos – e nos distanciamos de Caim – quando assumimos responsavelmente a vida do nosso irmão como se fosse a nossa própria vida. É a responsabilidade amorosa pelo nosso irmão que nos converte num ser ético, diria Santa Dulce.

Oração

Todas as vezes que vemos um pobre, deveríamos reconhecer que temos, diante de nossos olhos, o principal dos altares.

5º dia



Mensagem

O Evangelho de Mateus 25 apresenta o critério fundamental adotado por Deus no julgamento a que todos serão submetidos no fim da história. E, por mais incrível que possa parecer, o critério utilizado não é aquilo que se faz para Deus, mas aquilo que se faz para o próximo, principalmente para o vulnerável. Estamos diante de uma mensagem evangélica que é pautada pela prática. Não basta conhecer a vontade de Deus. Faz-se necessário adotá-la como princípio que conduz a vida no dia a dia. No Evangelho, os que vivem a partir do princípio da solidariedade são chamados de “ovelhas”, “benditos”, “justos” e vivenciam uma prática do cuidado e uma espiritualidade responsável pelo outro. O sofrimento do outro não é estranho a eles, por isso não lhe viram as costas.

Já os que vivem a partir da indiferença e num projeto narcisista são chamados de “cabritos”, “malditos” e “injustos”. A indiferença faz com que eles fechem os olhos para a realidade que se encontra imediatamente na sua frente. Trata-se de um “estilo de vida” que não enxerga o outro e, muito pior, o torna invisível. Aqueles com fome, sede, nus, aprisionados e doentes são considerados “sobras” numa sociedade que não os acolhe e que, ao mesmo tempo, cria periferias para que vivam suas vidas geograficamente distantes.

A resposta de Jesus à pergunta de ambos os grupos coloca no centro das atenções os mais vulneráveis e a capacidade de cada pessoa reconhecer neles a presença de Jesus: “Todas as vezes que vocês *fizeram* isso a um desses meus irmãos pequeninos, foi a mim que o fizeram”, e “todas as vezes que vocês *não fizeram* isso a um desses mais pequeninos, foi a mim que não o fizeram”.

É no caminho do cotidiano que se dá o encontro com o Jesus dos vulneráveis. Afinal, os frutos por meio dos quais os discípulos e discípulas são reconhecidos devem, necessariamente, nascer nas e das relações construídas no dia a dia.

Santa Dulce assim resumia a sua forma de compreender Jesus e a sua mensagem: “Para mim o pobre, o doente, aquele que sofre, o abandonado é a imagem de Cristo”. Reconhecer na face do pobre a face de Cristo é uma das mais cristalinas demonstrações de maturidade espiritual.

Oração

O pão repartido é mais nutritivo do que aquele comido solitariamente.

6º dia



Mensagem

Qual deveria ser a medida da nossa entrega a Deus? Para responder a essa pergunta, Santa Dulce dirige seus olhos para Deus e reconhece que Ele entregou totalmente seu único filho por amor e, ao olhar para Jesus, compreende que ele também se entregou na cruz totalmente e solidariamente para a salvação de todos. Em ambos, ou seja, no Pai e no Filho, constata-se doação total. Deus e Jesus não economizam para amar. Se Deus e Jesus amam totalmente, como eles deveriam ser por nós amados?

E, novamente, Dulce responde com santa dedicação. A dedicação a Deus era compreendida como fruto de uma clara consciência de como Deus se entregou por ela. E, da mesma forma, não seria possível se poupar para Deus. A consagração a Deus não podia ser parcial; a dedicação a serviço dos pobres não podia ser pensada de forma relativa. Tratava-se sempre de uma questão de tudo ou nada.

Claro que toda doação é exigente. Exige muito mais do que se está disposto a dar. Assim, Santa Dulce nos orienta para bem compreendermos os rigores de se consagrar a Deus: “O amor supera todos os obstáculos, todos os sacrifícios. Por mais que façamos, tudo é pouco diante do que Deus faz por nós”. O amor, para ela, era a fonte de todas as libertações. E, principalmente, a libertação interior. Uma libertação que nos livra de uma camisa de força e nos leva a caminhar total e integralmente para Deus.

O amor supera todos os obstáculos. Santa Dulce jamais sugere que os obstáculos desaparecerão como num passe de mágica por seguirmos e nos dedicarmos a Deus. Obstáculos fazem parte da vida de cada pessoa; eles vêm e vão, às vezes com maior e, outras vezes, com menor intensidade. E como eles podem ser vencidos? Os obstáculos são vencidos somente com doses vigorosas de amor. No amor se encontra a força necessária para continuar vivendo, apesar dos obstáculos.

Qual seria o limite de nossa dedicação a Deus? A única resposta possível dada por Santa Dulce seria que tudo, absolutamente tudo o que fazemos, é pouco diante de Deus!

Oração

A intensidade da dor corresponde à intensidade da solidariedade.

7º dia



Mensagem

No Evangelho de Lucas 4,18-19, encontramos uma das mais importantes passagens para compreender Jesus e a sua missão: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor”. Nessa bela passagem de carregado sentido carismático, Jesus diz que está repleto do Espírito Santo e consagrado para uma missão. E Jesus apresenta sua missão como a de cuidar daqueles que viviam miseravelmente na periferia da vida. Pobres, presos, cegos e oprimidos eram o alvo da ação missionária de Jesus. No início de sua missão, Jesus demonstra sua preocupação com aquelas pessoas que não mais eram consideradas como iguais por uma sociedade e religião desumanas. No anúncio de sua missão, Jesus coloca no centro de sua atenção os necessitados.

O Evangelho era lido e vivido de forma concreta por Santa Dulce. Um Evangelho concreto como a vida é concreta. Possivelmente o texto de São Tiago 2,14-16 não era estranho a ela: “Meus irmãos, se alguém diz que tem fé, mas não tem obras, que adianta isso? Por acaso a fé poderá salvá-lo? Por exemplo, um irmão ou irmã não tem o que vestir e lhe falta o pão de cada dia. Então alguém de vocês diz para eles: ‘Vão em paz e comam bastante’; no entanto, não lhes dá o necessário para o corpo. Que adianta isso? Assim também é a fé: sem as obras, ela está completamente morta”.

Santa Dulce resumia a mensagem bíblica desta forma: “O importante é fazer caridade, não falar de caridade. Compreender o trabalho em favor dos necessitados como missão escolhida por Deus”. O projeto de Jesus não é feito de abstrações, de fantasias ou de sonhos. Não se trata de um projeto que aliena o discípulo de sua missão na história e na vida dos mais necessitados. Ao compreender o trabalho em favor dos necessitados como missão, Santa Dulce nos insere na reflexão e na prática de vivermos, como discípulos missionários, uma ação evangelizadora que tem seu início com o próprio Jesus.

Se Jesus atualiza nele a mensagem dos profetas de cuidado dos necessitados, Santa Dulce atualiza nela a mensagem de Jesus de socorro, acolhimento e cuidado dos necessitados.

Oração

Na partilha do pão, acontece a mais real Eucaristia.

8º dia



Mensagem

A periferia é o espaço privilegiado da ação missionária de Santa Dulce. Mas é preciso compreender que a periferia é uma construção artificial. Ela existe, possivelmente, porque a prosperidade e o progresso da cidade são construídos a partir do corpo de centenas de vítimas expulsas para a periferia, isto é, deslocadas do centro. A prosperidade interna das cidades camufla a pobreza externa, e os muros das cidades demarcam a fronteira entre o centro e a periferia.

Enquanto as pessoas que vivem dentro dos limites da cidade aproveitam a vida em toda a sua riqueza, as pessoas que vivem no interior da periferia ou em suas fronteiras experimentam a realidade como mundo invertido. A primazia do centro acontece em detrimento da periferia e consiste num limite bem preciso, tanto sobre o que está dentro quanto sobre o que está do lado de fora. Nesse sentido, estabelece-se um claro juízo de valor.

No esquema centro-periferia, o centro é a concentração do essencial, do aceitável, do apropriado e do sagrado, enquanto o insignificante, ofensivo, miserável e impuro é empurrado para a periferia tanto geográfica quanto dos sujeitos que a compõem. Pessoas que vivem na periferia não pertencem ao círculo interno e são, portanto, consideradas inferiores – sempre num processo que as leva à inferiorização e desumanização. Santa Dulce vive nesse mundo invertido à procura de estabelecer, mesmo que de forma homeopática, o projeto de Deus de vida para todos. O Jesus que ela traz em seu coração é aquele que traz vida em abundância para todos.

Viver na periferia gera um sentimento de insegurança porque o centro é associado com a harmonia, e a periferia é associada com o caos. O centro se apresenta, portanto, como a ordem dos símbolos, dos valores e das crenças que governam a sociedade; uma estrutura de atividades, de papéis e de pessoas, dentro de uma rede de instituições. É possível, pois, afirmar que o normal funcionamento do centro depende, em grande medida, do normal funcionamento de sua relação desigual com suas periferias. A relação é de extração da força produzida pela periferia para atender às exigências do centro. Na verdade, o que se extrai da periferia não é necessariamente o excedente, mas o necessário para a sua sobrevivência. De certa forma, a extração dos recursos da periferia significa a inviabilização da vida na periferia. O centro poderia ser considerado o lugar geométrico da injustiça, isto é, um ambiente espacialmente construído e alimentado para facilitar o planejamento e a prática da injustiça. Na periferia, a exploração se tornaria mais violenta e as diferenças de nível social se apresentariam de maneira mais drástica.

A percepção de Dulce, nesse sentido, é fenomenal. Ela faz o caminho dos abandonados e excluídos e, na periferia, inverte a ordem social construída, que produz exclusão, miséria, violência e abandono e direciona os olhares de todos para Deus, que se encontra justamente entre os abandonados.

Oração

Espiritualidade é o que nos leva em direção aos outros porque, nos outros, encontramos-nos com Deus.

9º dia



Mensagem

Viver em comunidade é uma arte e um desafio. Somos muito diferentes uns dos outros e, por isso, o desafio se torna maior. Cada pessoa possui sonhos, manias, acertos e defeitos. Como conciliar interesses antagônicos num mesmo espaço de convivência? Afinal, vivemos de forma coletiva em todos os momentos: na família, na escola, no trabalho, na igreja, no grupo de amigos etc. Somos, por excelência, seres comunitários.

Viver numa ilha não pode ser a resposta aos possíveis desencontros com tantas pessoas diferentes. Vale ressaltar que a figura conhecida de Robinson Crusóé somente existe na literatura. Isolar-se jamais será a resposta. Contrariamente, é na comunidade que se encontra o refrigério que tanto se espera. Encontro, nesse sentido, significa a criação de uma rede de relações marcada pela fraternidade. Uma rede tecida de tal forma que permite a ótima sustentação de todos aqueles que nela se encontram.

A solidão traz amargura para a vida. Pessoas solitárias geram uma série de frustrações que, ao inundar a própria vida, expulsa o desejo de viver e de ser feliz. Pessoas solitárias afastam-se e procuram construir um mundo onde ninguém mais pode entrar. Um mundo completamente fechado, do qual nem a própria pessoa consegue sair. O solitário não provou ainda o valor da comunidade sadia e segundo o coração de Deus. Desconhece a força que existe no encontro e não experimentou a energia que vem da comunhão e que refaz a vida de forma total e completa.

Não nascemos para viver na solidão. Na verdade, a solidão possui o rosto do absurdo. Falar do ser humano solitariamente seria o mesmo que pensar num círculo quadrado! A missão do ser humano reside na arte do encontro com o outro e, desse encontro, nasce a força que produz a comunidade. Sozinhos, somos frágeis, mas, juntos, nos fortalecemos.

É necessário reconhecer um dos maiores segredos da vida comunitária, ou seja, que o fio de três dobras não se rompe com facilidade. Um ensinamento do qual muitas vezes nos esquecemos e, conseqüentemente, colocamos nossa vida e a da comunidade sob o risco de se quebrar. A solidão nos faz escravos de nós mesmos, impedindo-nos de encontrar vida na comunidade.

Por isso, Santa Dulce afirmava: “Procuremos viver em união, em espírito de caridade, perdando uns aos outros as nossas pequenas faltas e defeitos. É necessário saber desculpar para viver em paz e união”.

Oração

Toda fragilidade é santa. Toda solidariedade é divina.

10° dia



Mensagem

Muitas vezes, falamos sem pensar, e isso acaba nos causando uma série de aborrecimentos. Nossos relacionamentos, sejam eles familiares, de amizade, afetivos, referentes ao mundo dos negócios, do lazer ou da escola, são, via de regra, marcados por palavras que, ao invés de construir, os deterioram. Com certa recorrência, utilizamos expressões marcadamente pessimistas a fim de retratar a nós mesmos. Deixamos de empregar palavras positivas e potencializamos as palavras negativas. Uma prática que causa transtornos e liga a bomba-relógio da autodestruição existencial.

A maneira como utilizamos as palavras para nos relacionar retrata de forma clara e insofismável quem nós somos. Por meio delas podemos construir relacionamentos ou condená-los à inimizade. Com elas, podemos encontrar e edificar nossa autoestima ou, ainda, podemos nos perder na desilusão de que não somos nada.

Há poder em nossas palavras. Sejam elas para criar ou para destruir. Palavras curam, mas também matam. Palavras dignificam, mas também humilham. Palavras criam referenciais seguros, mas também indicam caminhos de perdição. Palavras salvam, mas também condenam. Palavras demonstram carinho, mas também ódio. Palavras abrem portas, mas também as fecham. Palavras criam vida, mas também produzem morte.

As palavras bem utilizadas são como uma autoestrada em meio ao deserto. Elas permitem construir um novo caminho quando somente nos restava o antigo e inadequado caminho das palavras desnecessárias e dolorosas.

E, de todas as palavras, três são as mais importantes para mudar os relacionamentos entre as pessoas e construir um mundo mais pacífico. Palavras que deveriam ser gravadas e repetidas constantemente, como se nossa própria vida dependesse delas. Quais seriam as palavras essenciais para se dizer aos outros e construir relacionamentos sólidos? “Você é importante para mim”; “eu o amo”; “eu lhe perdoo”.

Se a ação era uma das características de Santa Dulce, a maneira como ela se relacionava com as pessoas a fim de construir relações ótimas e restaurar a autoestima perdida fazia parte de seu dia a dia. Assim ela dizia: “Sempre que puder, fale de amor com amor para alguém. Faz bem aos ouvidos de quem ouve e à alma de quem fala”. Elogie sempre, tenha sempre uma boa palavra nos lábios. Não há arma mais poderosa no mundo do que um elogio. O elogio desarma as pessoas e reconstrói os relacionamentos. O elogio permite potencializar a pessoa que está diante de nós e não potencializar seus defeitos. A primeira e última palavra pronunciada a cada dia deveria se constituir de um elogio.

Oração

Se nada temos, temos Deus. Se temos Deus, tudo o que temos não é essencial.

11° dia



Mensagem

Certa vez perguntaram a Santa Dulce: o que fazer para mudar o mundo? A resposta foi em forma de verbo, ou seja, de ação: “Amar”. E, depois, completou: “O amor pode, sim, vencer o egoísmo”. Corria o ano de 1939. Um ano particularmente difícil para Dulce por causa da imensa e intensa miséria que encontrava pelas ruas. E não era possível desviar o olhar do sofrimento de dezenas de doentes que não tinham onde se abrigar. Diante do sofrimento de tanta gente, ela não permanecia apática. Assumia, isso, sim, o sofrimento alheio como se fosse seu. Incomodada com o que observava diariamente nas ruas de sua cidade, ela agia. Não restava outra opção para ela. A dor do próximo sempre requer urgência. Assim, Santa Dulce, ousada e intrepidamente, invadiu cinco casas situadas na Ilha dos Ratos e, nessas casas, ela acolhia e abrigava os doentes recolhidos da rua.

Fazer o bem, muitas vezes, não é bem compreendido pelos que exercem o poder e que são especialistas em criar periferias. Fazer o bem, para esses, soa quase como uma ofensa. Por isso, a invasão haveria de durar muito pouco. Ela e todos os doentes foram devidamente expulsos. Desinstalados, não restava outra possibilidade a não ser de se tornarem, todos eles, nômades da pobreza. Viveram perambulando, num verdadeiro êxodo, durante uma década. Sim, longos dez anos de abandono; dez anos perambulando por locais diferentes e distantes de tudo. Afinal, quando não se avista a pobreza, pensamos que ela é inexistente. É exatamente por isso que as periferias são criadas!

Somente em 1949 é que Dulce haveria de receber uma autorização de sua superiora para ocupar um “galinheiro” ao lado do convento, onde, inicialmente, abrigaria setenta doentes. O êxodo chegava ao fim. Dez anos que mais pareciam uma eternidade. Dez anos esquecidos por todos e que geraram a esperança de que Deus haveria de possibilitar uma terra de liberdade. Posteriormente, por conta desse gesto, ela foi conhecida pelo povo baiano como a freira que construiu o maior hospital da Bahia, a partir de um pequeno galinheiro. A peregrinação feita em meio à dor deu frutos. Hoje, no local, encontra-se o Hospital Santo Antônio, o maior da Bahia.

Oração

Nada valem o maior amor a Deus e o menor amor aos pobres.

12° dia



Mensagem

Santa Dulce poderia ser metaforicamente descrita como porta e ponte. Assim ela dizia: “Quando nenhum hospital quisesse aceitar algum paciente, nós aceitaríamos. Essa é a última porta e, por isso, eu não posso fechá-la”. Não fechar portas, mas mantê-las abertas é sinal claro de que ir ao encontro do outro é a principal das missões e uma das melhores atitudes que podemos ter. Contudo, parece que, muitas vezes, temos os pés colados no chão, impedindo-nos de caminhar em direção aos outros. Permanecemos petrificados e, com isso, deixamos de proferir uma boa palavra – uma palavra de bênção – ou de fazer algo bom aos demais. Negamos ao outro a palavra-ação-sacramento porque emudecemos e nos paralisamos por causa do medo do encontro. Portas, muros ou, até mesmo, quilômetros não podem servir de obstáculos ao avanço da bênção, que provoca profunda transformação interior e exterior.

A perspectiva de Santa Dulce é a da inclusão porque toda forma de exclusão deveria ser considerada como antievangélica e como negação do Reino de Deus. Nas palavras e ações de Jesus, constatamos que seu movimento acolhia todos aqueles que eram excluídos e levados a viver nas periferias geográficas, sociais e espirituais. Na inclusão, reconhecemos que todos pertencem à mesma família e que todos refletem a imagem e a semelhança de Deus. Negar o outro, portanto, é limitar nosso mundo apenas àqueles que pensamos ser iguais a nós mesmos.

Poderíamos classificar o serviço de Santa Dulce relativamente aos pobres como de tolerância zero. Ninguém poderia ficar de fora. O sofrimento causado por viver na periferia não mais seria considerado um sofrimento individual. Todo sofrimento era pensado a partir da comunidade ou, melhor, como se todo o corpo doesse. A partir do momento em que Santa Dulce extrapolava os limites da solidariedade entre um grupo seletivo, as fronteiras e barreiras eram derrubadas. Nenhuma fronteira ou barreira poderia interromper a ação que resgata aqueles que aparentemente sucumbem em meio à sua tragédia pessoal.

Se existem aqueles que fecham as portas, Santa Dulce nos ensina que precisamos ser aqueles que abrem as portas.

Oração

O Deus invisível somente se torna visível no corpo dos pobres.

13° dia



Mensagem

Caminhar pela fé era o estilo de vida de Santa Dulce. Todavia, era uma fé compreendida como algo que faz avançar. Não se tratava de uma fé passiva que a deixava acomodada à vida e às suas preocupações pessoais. Era uma fé exigente que produzia um amor exigente pelos mais vulneráveis. A fé a colocava a caminho, batendo de porta em porta pelas ruas de Salvador, nos supermercados ou nas feiras, nos gabinetes de secretários, prefeitos, governadores e, até mesmo, presidentes da República. A fé, para Dulce, era algo vivo: “A fé é um modo de já possuir aquilo que se espera, é um meio de conhecer realidades que não se veem” (Hb 11,1), e, por isso, dizia: “Se fosse preciso, começaria tudo outra vez do mesmo jeito, andando pelo mesmo caminho de dificuldades, pois a fé, que nunca me abandona, me daria forças para ir sempre em frente”.

A fé pode ser compreendida como um desafio de Deus que implica desinstalação, ruptura e separação. Mostra-nos que não devemos viver e permanecer como que limitados àquilo que somos e temos. Sempre há a necessidade imperiosa de dar um passo a mais, de caminhar um pouco mais. E nisso reside justamente um dos nossos maiores problemas: passamos muito tempo acomodados. Muitas vezes pensamos que a melhor posição que poderíamos ter seria a da acomodação. E, por causa disso, não aprovamos o desafio de fé proposto por Deus: romper com nossas zonas de conforto.

Até Deus pode passar dos limites, pensamos!

Mas o Deus de Santa Dulce impede que fiquemos bem acomodados e instalados. Ele a provoca para que se desinstale e se desacomode a fim de caminhar dentro dos passos propostos pelo próprio Deus. A experiência de Santa Dulce nos coloca diante de um Deus de ação e que caminha entre nós; um Deus que nos leva a permanecer em pé e a dar passos firmes em direção a um amanhã que Ele mesmo garante. A verdadeira fé se verifica, sobretudo, em situações de crise. Quando o vento sopra a favor do barco, a maioria até mesmo se esquece de Deus. Em meio às crises, o homem nem sempre consegue se firmar nas promessas divinas.

A fé que nunca abandona Santa Dulce é aquela que ajuda a fazer o caminho. Uma fé que direciona os pés a fazer o caminho da defesa da vida e a construir o futuro. Uma fé que combate o desânimo das dificuldades encontradas no caminho e as supera. A fé, nesse sentido, nos “dá forças para seguir sempre em frente”. Jamais a fé olha para o passado, mas capacita-nos a olhar e enxergar o futuro de Deus.

Oração

Ser forte não é a condição e a capacidade de dominar os outros, mas de servi-los.

14° dia



Mensagem

Irmã Dulce já era chamada de santa por causa da evidente santidade de sua vida. “Pelos frutos os conhecereis”, disse certa vez Jesus, a respeito de como seus discípulos e discípulas deveriam se manifestar. No projeto de Jesus se percebe com clareza que não é possível negar para todos os outros os frutos que produzimos como herdeiros do Reino de Deus.

No caminho da vida, a santificação de Santa Dulce era forjada. Do que adiantaria ser uma árvore frutífera e não produzir absolutamente nada? Santa Dulce bem sabia que os filhos e filhas de Deus não são chamados para “embelezar” o mundo, mas para transformá-lo. A missão assumida por ela não era a de perfumar os ambientes, florir as prisões ou pintar as paredes deterioradas. Compreendia sua missão como uma transformação radical tanto da pessoa quanto da sociedade. Fazia, portanto, uma missão a fim de construir uma sociedade onde coubessem todos. Não há missão, se não houver inclusão social!

“A minha política é o amor ao próximo” poderia traduzir o seu modo de fazer teologia ou uma teologia cidadã. Seu alvo supremo era amar o próximo de uma maneira transformadora. Claro que não era uma política partidária, ou seja, ligada a algum partido político específico. Tratava-se, acima de tudo, de utilizar o critério do amor e do respeito pela dignidade do próximo na hora de agir. Santa Dulce não seguia um programa partidário previamente preparado por políticos profissionais. O manual que seguia era aquele que estava no coração de Deus e que ensinava a amar uns aos outros.

Santa Dulce fazia diferença nos locais em que passava e nas vidas com as quais entrava em contato. Não era uma pessoa a mais entre muitas. Sua vida, como diria o apóstolo Paulo, era como se fosse uma carta aberta. Nela se reconhecia Jesus. Sua vida, seu testemunho, seus frutos, sua alegria, sua solidariedade eram colhidos diariamente por homens e mulheres.

Se o povo nas periferias de Salvador diariamente reconhecia a santidade de Dulce, a Igreja somente reconheceria a santidade dela tardiamente, em 22 de março de 2011, sendo declarada beata pelo Papa Bento XVI.

Oração

A eternidade tem seu início nos pequenos gestos diários de caridade e de ternura.

15° dia



Mensagem

Certa vez, Santa Dulce disse: “As pessoas que espalham amor não têm tempo nem disposição para jogar pedras”. Numa única frase, ela ensinou a maneira mais concreta de nos relacionarmos uns com os outros. Entre espalhar amor e jogar pedras, há grande diferença. Com a primeira, construímos bons relacionamentos e, com a segunda, construímos relacionamentos tóxicos.

Para espalhar amor, é necessário que se esteja repleto de amor. Afinal, como seria possível espalhar o que não se tem? Desse modo, Santa Dulce faz referência ao ser humano – homem e mulher que são construídos a partir de relações amorosas e fraternas. Aquele que ama não carrega dentro de si uma “caixa de ferramentas” para agredir os demais. Muitos vivem como se fossem experientes na arte de machucar as pessoas. Jogar pedras, metaforicamente, deve ser compreendido como toda e qualquer ação que agrida aqueles e aquelas que vivem conosco.

Aquele que ama, segundo Santa Dulce, utiliza seu tempo de forma inteligente. É, na verdade, um administrador do próprio tempo para fazer o bem. O tempo não pode ser pensado de forma reduzida como uma simples sucessão de dias, meses e anos. Todo tempo traz com ele a possibilidade de ser preenchido com agradável conteúdo.

Todavia, não basta apenas o desejo de amar. É necessário um tipo de ação concreta em direção àqueles que serão amados. Santa Dulce faz referência à importância de se estar disposto a espalhar o amor. Uma disposição e motivação interior para fazer o bem e não praticar o mal se fazem necessárias.

É justamente na prática do bem, e não na teorização sobre o bem, que somos reconhecidos como filhos e filhas de Deus. A vida cristã, nesse caso, deveria ser pensada e vivida como um testemunho público do Senhor que seguimos. É justamente no caos da vida que testemunhamos o amor, a solidariedade, a compaixão, o acolhimento de Jesus, e não trancafiados entre quatro paredes.

Santa Dulce nos ensina que o verdadeiro cristianismo é aquele vivido no caminho que nos leva aos mais vulneráveis.

Oração

A compaixão, quando semeada, frutifica e gera vida. O individualismo, por sua vez, quando semeado, gera desertos sociais e existenciais, produzindo morte.

16° dia



Mensagem

Não podemos compreender a vida de Santa Dulce sem referência a sua dependência de Maria. Ela olhava para Maria como modelo de vida: “Se imitarmos o exemplo de nossa mãe do céu, a humildade, a caridade, o silêncio, seremos realmente felizes”. E, em Maria, ela encontrou o modelo de responsabilidade que exerceu por toda a sua vida.

Maria viveu a responsabilidade de forma plena. Não se deixava contaminar pelo vírus mortal da imaturidade e do individualismo. Sua visão de responsabilidade crescia quanto mais desenvolvia a visão de si mesma e da sociedade em que estava vivendo. Não enxergava a si mesma e a sua família distantes de todas as outras famílias. Todas as famílias formavam uma só comunidade. A percepção de que eram todos uma família – ainda que vivessem em casas separadas ou que ainda não se conhecessem plenamente – tornava-a mais consciente de sua responsabilidade pelo outro.

Maria é exemplo de discípula que não se esconde das responsabilidades de transformação da realidade. Para ela, a realidade é sempre inclusiva. Não basta gerar seu filho em plena segurança se a realidade não é segura para a maioria. Pouca coisa ajuda a gerar a felicidade em seu ventre se a realidade da maioria é marcada por flagrantes episódios de injustiça, dor e sofrimento que espalham a infelicidade. A realidade dos outros é assumida por Maria como se fosse a sua própria. Maria muda completamente a maneira de ver e se relacionar com os eventos à sua volta. Não quer saber só de si e de sua família e, por conta disso, faz de todos os outros a sua própria família. Transforma a realidade dos outros, responsavelmente, em sua realidade. Maria é uma mulher que poderia ter ficado presa ao seu próprio mundo, mas que preferiu alargar as fronteiras e incluir todos quantos estavam separados.

Responsabilidade é uma das virtudes que esperamos encontrar nas pessoas com as quais nos relacionamos. Na verdade, pensamos que todos os outros é que deveriam ser responsáveis. Você já reparou como cobramos responsabilidade de tudo e de todos: da Igreja, do Estado, da escola, da família, dos artistas, dos outros? Responsabilidade é uma palavra que causa desconforto em boa parte das pessoas e, por causa disso, é mais fácil transferi-la para os outros. Contudo, não podemos nos furtar à responsabilidade de ser melhores homens e mulheres e, conseqüentemente, à responsabilidade de melhorar o ambiente em que vivemos. Todos nós sabemos que o ambiente saudável é essencial para a construção de seres humanos saudáveis. Mas, muitas vezes, não queremos nos responsabilizar diante de tão grande desafio. Queremos o benefício, desde que não exija nada de nossa parte. Desejamos desfrutar do ambiente desejado e sonhado, mas não queremos mover um músculo sequer para que ele se materialize.

A responsabilidade é uma virtude que deve ser praticada. Precisamos nos habituar a ser responsáveis. Contudo, não um agir responsável que apenas estabeleça as linhas de fronteira ao nosso redor, mas, como Maria e Santa Dulce, um agir responsável que amplie as linhas até que alcance a libertação daqueles que vivem conosco.

Maria e Santa Dulce colocam-se diante de Deus para se tornar responsáveis por

cada um de nós. E qual seria o resultado de nós nos colocarmos diante de Deus?

Oração

Se não ouvimos a voz das vítimas, é porque também não ouvimos a voz de Deus.

17° dia



Mensagem

“A miséria é a falta de amor entre os homens”, dizia Santa Dulce. E a face da miséria deveria nos assustar. Todos aqueles que não se assustam diante das misérias alheias é porque cauterizaram sua sensibilidade e se deixaram levar pela apatia. Ao desviar os olhos da miséria dos miseráveis, estamos, ao mesmo tempo, negando a eles sua condição de seres humanos. Nega-se, assim, a plena humanidade deles bem como qualquer ação que interrompa o círculo vicioso da miséria em que se encontram. Nega-se a cada um deles a imagem e semelhança de Deus!

Possivelmente, não olhamos para a miséria alheia para não nos encontrarmos com o sujeito interior miserável que existe em nós. Há medo em reconhecer quem somos de verdade, refletido nos miseráveis do caminho. Dessa forma, não temos medo apenas da miséria alheia, mas da pessoa em que nos transformamos.

Santa Dulce caminhava diariamente por todas as expressões de miséria jamais imaginadas. Não fazia um caminho tangencial ou buscava um melhor atalho que evitasse que seus olhos fossem confrontados com o horror das ruas. Ela caminhava entre os miseráveis e, nesse caminho, descobria que somente no convívio com os sofredores desse mundo é que se pode compreender a dimensão da dor que os leva à sub-humanidade. A partir do momento em que sentimos e assumimos as dores dos sofredores deste mundo, criamos laços perenes de solidariedade e de libertação mútua. Nesse sentido, a empatia é profundamente libertadora.

A experiência de caminhar e viver entre a miséria dos vulneráveis, para Santa Dulce, era verdadeira experiência de amor. Ela transformava uma experiência de tragédia numa experiência de amor. A plenitude do amor se manifestava na totalidade da solidariedade. Não ama, de fato, aquele que desvia seus passos dos pequeninos deste mundo. O amor somente será transformador e revigorante quando soubermos amar para além de nós mesmos. E, assim, o amor, em sua plenitude, expulsará o egoísmo e a insensibilidade, irmãs gêmeas que impedem os passos em direção aos pobrezinhos de Deus.

Oração

Somente a compaixão somada à solidariedade pode nos salvar da insensibilidade que nos desumaniza.

18° dia



Mensagem

Santa Dulce era uma mulher de oração. Assim ela se expressava: “A oração é o alimento da nossa alma, não podemos viver sem rezar”. Não existe posição mais sublime para os discípulos de Jesus do que de joelhos. Tudo quanto fazemos deveria ser feito de joelhos. Passamos muito pouco tempo orando. E discípulos e discípulas que não oram também não manifestam o poder de Deus. É somente de joelhos, em oração, que podemos vencer o caos que teima em invadir a vida. Jamais venceremos os conflitos que nos rodeiam se não nos colocarmos na única e mais preciosa posição que nos cabe. Ajoelhados, em oração, somos mais fortes do que um exército em marcha. A beleza do Evangelho de Jesus Cristo é podermos ser mais e fazer mais a partir de uma posição que a maioria das pessoas pensaria ser a posição dos derrotados. É de joelhos, em oração, que crescemos e levamos vida até onde ela não mais existe.

Todavia, vivemos uma época marcada acentuadamente pela superficialidade. Fugimos do compromisso a fim de viver numa zona de conforto individual e sem práticas comunitárias. Queremos ser abençoados por Deus, mas não desejamos compromisso com Deus e sua Igreja. Nesse sentido, a oração, que é a marca por excelência do cristão, corre o risco de se esvaziar. Afinal de contas, quando o discípulo de Jesus vive superficialmente sua vida de oração, ele também querera viver e se relacionar com uma Igreja *light*, com uma doutrina *light*, com padres e homilias *light* e, pior, com um Cristo *light*. No entanto, devemos recuperar o sentido primordial da oração. Somos como discípulos e missionários de Jesus Cristo chamados a uma vida de oração. O próprio Cristo não podia viver um único dia sem orar. E o conselho da Bíblia é para que “oremos sem cessar”. Podemos resumir em quatro os critérios por excelência para se comprovar a autenticidade da oração cristã e que apresento em forma de perguntas. A maneira como respondemos a essas perguntas radiografam quem de fato somos como discípulos e discípulas de Jesus: 1) a oração me torna um ser humano melhor? 2) a oração me torna um cristão mais comprometido com o discipulado? 3) a oração me torna um cristão mais comprometido com a minha Igreja? 4) a oração me torna um cristão mais fiel e dedicado a Deus?

Precisamos repensar a oração como um instrumento dado pelo próprio Deus a fim de crescermos em intimidade espiritual. Mas não devemos pensar que a oração seja algo que nos aliena e nos afasta das outras pessoas e da comunidade. Não é possível querer apenas Deus e rejeitar o povo e a Igreja de Deus. Quanto mais próximos de Deus, mais próximos uns dos outros e da vida da Igreja. Mais oração não significa mais individualismo, mas sim mais vida comunitária. Não podemos viver e muito menos sobreviver sem a oração. Nada pode ser feito sem o recurso à oração. Vejam algo essencial: pesquisem sobre a vida de Jesus nos evangelhos e perceberão que tudo quanto Ele fez e decidiu sempre foi depois de orar! Todas as suas principais e mais importantes decisões foram fruto de oração. Se existe uma identidade que devemos buscar é exatamente esta: a de ser um cristão de oração. Sem dúvida, essa é uma marca privilegiada e que alegra o coração do nosso Deus. Quanto mais oramos, mais nos aproximamos do coração de Deus e mais Deus preenche nossos corações.

Cristãos que não oram são cristãos vazios e, conseqüentemente, não possuem nada ou quase nada em suas vidas que seja digno de um verdadeiro testemunho. Diria que muita oração significa muito testemunho; pouca oração, pouco testemunho; e nenhuma oração, nenhum testemunho.

Santa Dulce, por meio de seu testemunho, ensina-nos que movimentamos o mundo através da oração.

Oração

A insensibilidade diante da dor dos outros é a mais letal das armas.

19° dia



Mensagem

Dulce é uma santa, mas podemos dizer que é uma santa empreendedora. Em 1936, com 22 anos, ela fundou a União Operária São Francisco, tendo ao seu lado o frei Hildebrando Kruthaup. Deve-se também a Santa Dulce a criação do Colégio Santo Antônio, voltado para os operários e suas famílias. Não menos importante foi sua participação na criação de um albergue para doentes, localizado no convento de Santo Antônio, o que depois iria se transformar no Hospital Santo Antônio.

Difícilmente encontraríamos Santa Dulce sentada à espera de que alguma coisa acontecesse ou caísse do céu. Era, sem dúvida, uma mulher de oração. No entanto, sabia que a oração precisa ser acompanhada de ação. Dessa forma, Santa Dulce nos ensina que também é possível orar com os “pés”, ou seja, quando se caminha em direção às pessoas para ser fonte de bênção em suas vidas.

Pode-se dizer que Santa Dulce estava sempre a caminho e sempre em processo de construir algo. Todavia, não algo para si mesma, para seu conforto e segurança de seu futuro. Planejava e construía o futuro para aqueles que tinham até mesmo o presente ameaçado.

Empreender para o bem exigia pensar fora das regras da economia de mercado e da procura do lucro pelo lucro. Jamais Santa Dulce reduziria centenas de homens e mulheres vulneráveis a uma fria estatística econômica. Não eram, para ela, pessoas miseráveis, eram pessoas que viviam na miséria. E sua percepção se apresentava cristalina: a miséria de tantos não era produzida pela vontade de Deus ou pela força da natureza. Absolutamente não. A miséria tinha sua origem na falta de solidariedade produzida por uma sociedade onde não cabiam todos.

Dulce, a santa empreendedora, havia sido vocacionada por Deus para o serviço, um serviço desinteressado. E suas ações, nesse sentido, criavam raízes. Não se preocupava apenas com uma ação emergencial e pontual que logo desvanecia. Cada um de seus empreendimentos era pensado a fim de que assegurasse a sobrevivência de tantos pobrezinhos de Deus.

Serviço era a palavra de ordem de Santa Dulce. E aquele que não vive para o serviço gera em seu coração um pequeno faraó que deseja controlar a vida dos outros como se fosse sua. Serviço pode ser uma palavra rara para muitos. Mas era a palavra que mais sobressaía na vida de Santa Dulce. A partir do serviço, ela vivia a ousadia de assumir o projeto que nasceu no coração de Deus.

Oração

Nossos medos mais profundos não resistem à manifestação do amor acolhedor e protetor de Deus.

20° dia



Mensagem

A vida é santificada quando encarna as dores do cotidiano de todos os outros e nos mostra que não há sofrimento estranho; uma santidade que nasce no chão da vida e que não tem medo de se aproximar das pessoas. Poderíamos afirmar que Santa Dulce é uma santa que tem cheiro de povo. Santos não têm medo das pessoas. Ao contrário, a santidade é construída justamente no encontro com as pessoas. Nesse sentido, a santidade exige a presença de outras pessoas. Santificar, portanto, é o contrário de isolar. Toda forma de isolacionismo implica perda de si mesmo ao se perder a possibilidade de se relacionar com outras pessoas.

Santa Dulce possuía consciência de que pertencia à comunidade dos vulneráveis. Uma comunidade de irmãos e irmãs em que ela vivia um cristianismo autêntico, um Evangelho enraizado nas próprias palavras de Jesus: “O Espírito de Deus me ungiu para evangelizar os pobres”. Assim, em cada passo que ela dava, havia a certeza de estar caminhando nos passos de Jesus.

Aprendemos com Santa Dulce que a procura pela santificação possui forte sentido comunitário. Santos, nesse sentido, não são pessoas que se tornaram petrificadas porque muito se aproximaram de Deus e muito se distanciaram das pessoas. Santos são, contrariamente, todos aqueles que se aproximaram das pessoas, aproximando-se, com isso, de Deus. A procura pela santidade é o início do processo de humanização. Jamais se é santo se não for ao mesmo tempo humano. E, da mesma maneira, a santidade se manifesta em gestos de cuidado pela integridade violentada dos mais pequeninos.

A santificação também pode ser compreendida a partir das distâncias que mantemos uns dos outros. Trata-se de uma “geografia da santificação”. Santos não são aqueles que se distanciam em claro isolamento. Santos são aqueles que encurtam as distâncias para melhor amar. Logicamente que, a partir dessa compreensão, todo discípulo de Jesus Cristo em busca de uma vida santificada deve ser um construtor de pontes. Afinal, muros nos afastam das pessoas, bem como nos afastam de Deus. E, quando pontes são construídas, a santificação rompe as barreiras do puramente pessoal e alcança a dimensão da “santificação comunitária”.

Se a santidade pudesse ser medida, seria melhor que a medíssemos pela solidariedade.

Oração

Perdemo-nos, definitivamente, quando deixamos de amar.

21° dia



Mensagem

Gastar-se para o outro, doar-se completamente, enxergar os que haviam se tornado invisíveis aos olhos da maioria pode ser considerado como um dos itinerários para a santidade. Todo santo pode ser comparado a uma vela que queima com o objetivo de iluminar. Consume-se para que a vida possa ser partilhada. É vela que ilumina, mas, também, é vela que acende a chama em tantas outras pessoas.

Santa Dulce caminhava e fazia sua missão nas periferias da vida. Ela não se economizava. Dedicava-se integralmente, até mesmo comprometendo a saúde, para que os invisíveis na e pela sociedade fossem vistos como seres humanos. Ela se esvaziava para que o vazio dos pobres pudesse ser preenchido. Para ser santo, é necessário se esvaziar!

O que levaria Santa Dulce a justamente escolher os caminhos e locais que eram completamente rejeitados por todos? Qual seria a motivação dela para ir ao encontro de tantos homens, mulheres e crianças que não faziam parte das “estatísticas oficiais”? Por que viver e conviver com mendigos, miseráveis, sofredores, doentes e proscritos? O que poderia nos levar a caminhar nos passos de Santa Dulce?

A primeira resposta é que Santa Dulce caminhava nos passos de Jesus. Ela muito bem poderia fazer diariamente a seguinte pergunta a si mesma: “Em meus passos, o que faria Jesus?”. E o Jesus que ela conhecia das páginas dos evangelhos era justamente aquele que, solidariamente, acolhia ao seu redor os vulneráveis de seu tempo. Junto a Jesus, ela via os doentes, os mendigos, os considerados pecadores e impuros, as mulheres e crianças (que não eram contados e, por isso, eram tornados invisíveis). Toda sorte de pessoas excluídas encontrava no amor de Jesus a generosidade para ser acolhida e experimentar nova forma de ser e de viver.

Na segunda resposta, vemos que, para Santa Dulce, o mal tinha uma face. A maldade não era considerada algo intangível, etéreo, impessoal. O império da maldade se manifestava na pobreza, na mendicância, na doença, na desnutrição que se espalhava pelas ruas. O mal tinha rosto e, por isso, a presença dela era importante como uma santa profetisa.

Em meio às sombras provocadas pela maldade de muitos, ela era a luz para iluminar e salvar a vida de tantas vítimas.

Oração

Todas as dores são passageiras se comparadas com a perenidade das consolações de Deus.

22° dia



Mensagem

Santa Dulce possuía uma mentalidade que não privilegiava o lucro. O que importava para ela era a partilha. Através da partilha é que se constrói uma comunidade. A prática do individualismo gera tão somente ilhas de narcisistas que se acostumaram a olhar apenas para a sua imagem e a ignorar a imagem de Deus em todas as outras pessoas. O cristão narcisista é, no mínimo, uma contradição e, no máximo, um hipócrita em ação.

A lógica que ela seguia era a mesma de Jesus, ou seja, não é possível servir a Deus e ao dinheiro. Ao dizer não para a concentração de riquezas, ela estava sinalizando com um claro *sim* a uma comunidade baseada na partilha. O acúmulo sempre desencadeia situações-limite em que, no outro lado da linha, se encontram os que nada têm. O alimento, por exemplo, que se acumula na mesa de uns é, justamente, o alimento que falta na mesa de muitos.

Se o lucro pelo lucro age de forma predatória, a partilha gera vida e restabelece a comunidade. Assim, a partir de sua vida com os pobres, Santa Dulce diz um rotundo não às relações incestuosas que muitos vivem com o capital, provocando a perenidade das periferias, da pobreza e da morte.

O melhor pão é sempre o pão partilhado. Todo pão partilhado é divino e todo pão retido é diabólico. E, nesse sentido, todo pão partilhado é sacramento porque nos lembra que o Pão Vivo que desceu do céu doou completamente sua vida para que todos pudessem viver com dignidade. Todo pão partilhado é sinal de Jesus vivo nas relações comunitárias; todo pão partilhado é a mais bela expressão de que existimos uns para os outros.

Santa Dulce é sinônimo de partilha. Ela mesma deve ser compreendida como múltipla pelas dezenas de ações e caminhos que incansavelmente percorreu. Na prática da partilha de sua vida entre os pobres, ela descobriu a dimensão sacramental da vida, que somente vale a pena ser vivida se devidamente partilhada com os pobrezinhos de Deus.

A riqueza da vida cristã reside justamente nessa perspectiva, ou seja: quando partilhamos nossas vidas, nos multiplicamos, e a prática do bem se espalha com muito mais rapidez e eficiência.

Oração

Somos melhores quando amamos uns aos outros.

23° dia



Mensagem

Leituras parcializadas da vida somente nos mostram retratos parciais e, portanto, incompletos, da realidade. Leituras parcializadas das Sagradas Escrituras somente nos mostram um lado das muitas possibilidades de enxergar o projeto de Deus. Santa Dulce possuía uma leitura integral da realidade. Ao olhar para as centenas de pessoas que viviam de forma sub-humana nas periferias de Salvador, logo percebia que a contradição havia se instalado nesses lugares esquecidos por todos. Ali reinava a antirrealidade, a subvida, que se materializava em submoradias, em subnutrição, em subsaúde. As pessoas, que, dia após dia, eram desconstruídas e desumanizadas, viviam em outra “realidade”, em que a dor era superior à alegria e em que a fome era superior à fartura. Uma realidade em que a morte rondava com muito mais intensidade e voracidade do que em quaisquer outras “realidades” chamadas de “naturais”.

Olhares parciais não conseguem ver a totalidade da vida. Nesse sentido, Santa Dulce nos ajuda a compreender outros aspectos de Deus que, por causa de compreensões e leituras parciais das Sagradas Escrituras, dificilmente percebemos. No profeta Isaías 5,16, encontramos um belo exemplo de como é possível ampliar o conhecimento sobre quem é Deus: “No julgamento, Javé dos exércitos será exaltado, o Deus santo mostrará sua santidade através da justiça”. O texto mais amplo do profeta Isaías (5,1-10) se refere a vários “ais” pronunciados contra os líderes de Judá porque eles eram os responsáveis diretos pela violência e empobrecimento que atingiam o povo. E, inesperadamente, no verso destacado, anuncia-se que a santidade de Deus se manifesta através da justiça. A presença de Deus em meio ao povo estabelece justamente aquilo que falta para assegurar a vida dos mais vulneráveis. Deus é santo, nesse sentido, por causa de seu cuidado para com os pequeninos que clamam diante da violência que se abate sobre eles.

Possivelmente por causa de uma leitura parcial das Sagradas Escrituras, jamais tínhamos refletido que a santidade de Deus – e de todos nós – também se refere a cuidar dos pobres e a buscar a prática do direito e da justiça entre todos. A santidade de Dulce se apresenta de forma isaianica na realidade e, dessa forma, manifesta-se de maneira encarnada na história de homens, mulheres e crianças que sobreviviam, apesar de tudo.

Oração

Na fraqueza que nos caracteriza como humanos, somente nos tornamos fortes quando, de joelhos, oramos.

24° dia



Mensagem

Santa Dulce é o mais claro reflexo de Maria e, por isso, podemos dizer que ela é a mãe dos desamparados. Nos passos dela, encontramos prodigiosas marcas de amor a serviço dos mais vulneráveis. Nas ações dela, descobrimos que para Deus não existe neutralidade. Ele é sempre a favor da vida. Ele é a própria vida e nele encontramos a vida em sua plenitude. Porque Deus é apaixonado pela vida, Ele a defende contra todo tipo de ação que a agrida. Deus, portanto, não é neutro. É a favor da vida e contrário ao império e à cultura da morte.

Também em Maria, modelo de vida e de comportamento de Santa Dulce, igualmente não existe neutralidade. Sua ação em defesa da vida é uma decorrência da própria ação de Deus. Ela faz aquilo que é próprio a quem se aproxima de Deus: imita-o em seu cotidiano. Maria é apaixonada pela vida e a defende contra todo tipo de ação que a agrida. Nenhuma mulher resumiu tão bem seu programa de vida como Maria, que o apresenta, cantando:

Minha alma proclama a grandeza do Senhor, meu espírito se alegra em Deus, meu salvador, porque olhou para a humilhação de sua serva. Doravante todas as gerações me felicitarão, porque o Todo-poderoso realizou grandes obras em meu favor: seu nome é santo, e sua misericórdia chega aos que o temem, de geração em geração. Ele realiza proezas com seu braço: dispersa os soberbos de coração, derruba do trono os poderosos e eleva os humildes; aos famintos enche de bens, e despede os ricos de mãos vazias. Socorre Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia, conforme prometera aos nossos pais, em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre.

Enganam-se aqueles que pensam que são apenas belas palavras lançadas ao vento. Ao contrário, são palavras-sementes que antecipam as flores da primavera. Sementes que brotam no cotidiano das pessoas e que permitem que as flores irrompam em meio às pedras, transformando o deserto em um belo jardim. Maria, que experimenta água da fonte da vida, torna-se defensora da vida dos que sofrem. Suas palavras-sementes levam sentido às mais dramáticas rupturas sociais e crises de sentido que alcançam nossas vidas.

Ao dizer não à neutralidade, a canção de Maria se coloca contra a existência de um mundo marcado pela angústia, pelo desespero, pela dor, pela pobreza, pela injustiça e pela falta de sentido. Maria canta para resgatar nossa humanidade perdida; canta para que tenhamos a possibilidade de nos reumanizarmos. Não se trata de uma canção de ninar. Não, ela canta para nos manter acordados a fim de defendermos a vida e sermos fontes de vida para todos quantos nos cercam. Jamais uma voz suave provocou semelhante transformação quanto a de Maria. A suavidade de sua voz aliada à força de suas palavras revela uma mulher que faz da defesa intransigente da vida a sua própria fonte de energia. A canção de Maria nos tira da passividade. Faz com que abandonemos o discurso e a prática da neutralidade. Através de sua canção, ela nos ensina que a amizade com Deus exige compromisso. Não só com Ele, mas, principalmente, com quem vivemos diariamente.

Maria e Santa Dulce nos ensinam que não podemos escolher a neutralidade da acomodação enquanto a vida é ameaçada. Nesse caso, a neutralidade daria as mãos ao reino da morte, da destruição e da injustiça e, ao mesmo tempo, viraria as costas para Deus, interrompendo a mais bela das canções já cantadas.

Oração

Às vezes, Senhor, estou esgotado fisicamente, mas revigorado espiritualmente.

25° dia



Mensagem

Há em Santa Dulce uma sensibilidade para o mal. Assim ela dizia ao olhar para seu dia a dia: “As lágrimas enchiam meus olhos... o meu coração estava invadido pela dor em ver tanta miséria a meu redor”. E sentenciava: “Só quem convive diariamente com os pobres pode avaliar o quanto sofrem, o quanto necessitam da Palavra de Deus, de uma mão amiga em direção a eles”.

A sensibilidade evita a brutalização da vida e dos relacionamentos. Quem não é sensível à dor dos outros não se preocupa com o exercício da solidariedade porque seus olhos se encontram fechados. Não enxerga, não porque tenha alguma deficiência visual; trata-se, acima de tudo, de uma cegueira seletiva. A brutalização gera violência interior e violência exterior, ou seja, agride-nos por dentro e agride a todos com os quais nos relacionamos.

A miséria do cotidiano incomodava sobremaneira Santa Dulce. Como fechar os olhos a uma realidade que aparece de forma escandalosa e em forma de tragédia? A miséria alheia provocava em Santa Dulce um processo de crescente desinstalação e desacomodação. Seria impossível ver a miséria e continuar do mesmo jeito porque ela nos vira do avesso. Os pés de Santa Dulce caminhavam naturalmente em direção aos pobres, e ela transformava cada um deles num altar. Diante da dor que os assolava, não era possível conter as lágrimas de tamanha dor que a invadia. A santa chorava porque o sofrimento do seu povo era maior do que ela. Lágrimas que semeariam profunda solidariedade!

Santa Dulce era sensível à maldade que se instalava diariamente na vida do povo mais vulnerável; por conta disso, seus pés se moviam aceleradamente para o convívio com os sofredores. Ela não se apresentava como uma teórica para explicar as causas da pobreza e da violência e muito menos discorria a respeito do sofrimento dos pobres por ouvir falar. Ao contrário, seu conhecimento era resultado do convívio diário com eles. Nesse sentido, ela não teorizava a respeito da vida miserável de dezenas de homens, mulheres e crianças.

Rigorosamente e exemplarmente, Santa Dulce fazia da periferia a sua paróquia, sua paixão, sua vida e sua vocação. No exercício diário da sensibilidade, ela abria seu coração cada vez mais para acolher os pequeninos de Deus.

Oração

Para mais longe caminhamos quando, de joelhos, em oração, nos colocamos.

26° dia



Mensagem

Santa Dulce sempre foi tomada por uma intensa alegria de viver. Assim ela se expressava: “Estou aqui feliz como nunca, vivendo uma vida santa: a vida que devemos viver”. Desde pequena sua alegria se manifestava em brincadeiras que eram próprias às crianças. Bonecas, pipas e bola de futebol eram seus brinquedos preferidos e enchiam seu cotidiano. Viver é preencher a vida diariamente com sentido e finalidade. Duas palavras importantes para nos repensarmos como seres humanos. Afinal, é imprescindível que todos construam suas próprias vidas com algo que os motive a viver e que tenham objetivos no decorrer da vida.

A vida, nesse sentido, pode ser entendida como preencher espaços em branco. Muitos vivem vidas completamente vazias, pessoas que não sabem ou duvidam do valor da própria vida, outras tantas que desconhecem o sentido da existência e aquelas que vivem como se estivessem mortas. Espaços em branco servem para ser preenchidos. E nisso se encontra, de fato, a maneira de nos superarmos. Quando nos sentimos vazios é que encontramos as maiores possibilidades de nos encontrarmos. Espaços vazios são sinais de esperança e evocam novos tempos. Todos os que se sentem vazios precisam fazer a escolha do conteúdo com o qual vão ser preenchidos. Assim, temos condições de viver a vida toda com esse desafio diário e permanente. Todos somos vazios, mas não podemos viver indefinidamente vazios. Espaços em branco na vida servem como um convite para preenchê-los.

Qual era o segredo de Santa Dulce? Ela relacionava a alegria de viver com a vida santificada. Para ela, a vida que recebemos de Deus deve ser vivida como bênção e, por conta disso, com alegria. E, na alegria de se viver a bênção de Deus, a santidade se manifesta. Dessa maneira, para Santa Dulce, a santidade não se manifestava através de uma face carrancuda, de mortificações corporais, tristezas ou isolamento. Santa era a vida toda e toda a vida. Os espaços do sagrado e do profano já não existiam. Tudo era sagrado porque a vida era considerada, para ela, dom de Deus.

Viver com sentido, significado e alegria contagia os que nos cercam como a nós mesmos. Contribui fundamentalmente para a formação de uma personalidade sadia, generosa e aberta. A alegria na face contribui para que as pessoas também nos respondam com outro sorriso. Se a alegria se esconde sorrateiramente na tristeza, nos tornamos amargos. E uma pessoa amarga expulsa a alegria e desfaz o sorriso, contaminando a alma com expressões de mal-estar. Pessoas amargas andam de mãos dadas com a solidão e não com amigos fiéis e verdadeiros. Ao invés de aquecerem o coração com o calor da alegria, transformam-no numa enorme pedra de gelo.

Oração

A brutalidade da vida é anulada com a delicadeza dos gestos.

27° dia



Mensagem

Santa Dulce dependia do Espírito Santo para a sua missão. Assim ela afirmava: “Tenha fé, reze muito ao Espírito Santo para que ele o ilumine e mostre o caminho que você deve seguir”. O Espírito Santo não pode ser compreendido como se fosse propriedade privada. Ele não existe para Deus, mas para as pessoas e, por causa disso, Ele vem! Desce sobre as pessoas para capacitá-las a ser, fazer e viver o projeto de Deus. Força e proteção são dois elementos necessários à vida. Basta olharmos para o nosso dia a dia para percebermos como são bens preciosos e vitais para cada um de nós. O Espírito é a força que não tínhamos, a energia que nos faltava e a motivação que se encontrava ausente. A partir dele somos como que revestidos com tal força e proteção que nos sentimos capazes de vencer as contradições e dores do cotidiano. Agora, com ele, não precisamos mais nos esconder com receio de tudo e de todos. Não há como viver sem a presença do Espírito Santo. Viver sem o Espírito é abdicar da força e da proteção. E não podemos abrir mão daquilo que pode nos capacitar a ser e a viver de uma forma completamente nova.

O Espírito vem do alto. Não é manipulável e não se encontra sob o controle de ninguém. É externo a todo ser humano. É a força de Deus que nos reveste e nos inunda com aquilo que é próprio dele. Por ser externo, dependemos dele – não é ele que depende de nós. Somos e permaneceremos vazios sem ele. Seremos completos a partir dele.

Na espiritualidade de Santa Dulce se percebe que ela era tomada pela força e proteção do Altíssimo e vivia a partir do Espírito Santo. Ela respirava o Espírito Santo, e a força de seus atos, de suas palavras e de sua fé tinham início, meio e fim n’Ele. Santa Dulce era uma mulher do Espírito. Trazia nela o sentimento de proteção, que é um dos sentimentos mais desejados por todos. Santa Dulce, em sua peregrinação espiritual, nos indica, de forma clara e incontestável, que a proteção vem do alto. Em meio ao caos da vida, perguntamos: De onde me virá o socorro? O meu socorro vem de Deus, criador dos céus e da terra. Mas, agora, um Deus que não precisamos procurar nos céus, pois habita permanentemente em nossos corações.

O Espírito Santo que se encontra em Santa Dulce e do qual ela depende é o mesmo Espírito que vem sobre cada um de nós. Não há diferença! Assim sendo, se o Espírito é o mesmo, as ações também são as mesmas. A democracia do Espírito atinge a todos sem exceção.

Santa Dulce inicia o mais maravilhoso dos projetos jamais vivido por uma pessoa com a maior força jamais imaginada por qualquer ser humano. O caminho dela estava marcado pela ação do Espírito de Deus no espírito dela. Estava cheia do Espírito Santo e, conseqüentemente, tudo o que fizesse, pensasse, sentisse e falasse era conseqüência do Espírito Santo, que nela vivia.

Oração

Benditas são as mãos dos que semeiam delicadeza em meio a uma sociedade brutalizada.

28° dia



Mensagem

A arrogância é como se fosse uma semente potencialmente destruidora. Sua força para a destruição atinge não somente a pessoa que a gera, mas também todos os seus relacionamentos. O arrogante se apresenta como se fosse superior, e todos os demais, inferiores; como sábio numa comunidade de incompetentes; como puro numa comunidade de impuros. A arrogância impede que a pessoa veja claramente quem é e quais são seus maiores e piores medos. A arrogância pode e deve ser considerada um pecado porque leva o sujeito arrogante a se pensar maior e a querer ser maior, neuroticamente, até mesmo maior do que Deus.

No entanto, Santa Dulce não permitia que sementes de arrogância fossem semeadas em seu coração. Ela havia reservado seu coração para boas sementes e que frutificassem, primeiramente, para ser bênção para os mais frágeis. Por isso, até mesmo em relação à belíssima obra que já existia, não permitia que as sementes da arrogância e da soberba crescessem e se espalhassem. Ela sentenciava: “Foi nosso povo, com a sua fé, sob a inspiração de Deus, que construiu toda essa obra”, e, até mesmo, escondia-se dos holofotes.

O arrogante deseja que as luzes dos holofotes estejam direcionadas somente sobre ele. Não admite qualquer possível concorrência. Todos os outros são por ele considerados como concorrentes e devem, por isso mesmo, ser eliminados. O desejo de eliminar os demais impede que se vejam as múltiplas vantagens de se trabalhar em equipe e, juntos, alcançar os objetivos.

Santa Dulce sabia que jamais estava sozinha e que seus braços se multiplicavam ao trabalhar. Reconhecia, portanto, que todo trabalho realizado era fruto de uma parceria com o povo e com Deus. Não se reconhecia melhor e superior aos demais. Sentia-se como serva e a última dos pecadores. Assim, num coração em que estavam plantadas as sementes do serviço desinteressado e da humildade, não havia qualquer espaço, e muito menos possibilidade, para que sementes da arrogância crescessem.

Podemos considerar Santa Dulce uma jardineira de seu próprio coração.

Oração

Somos totalmente de Deus quanto mais nos esvaziamos de nossas prepotências.

29° dia



Mensagem

As Sagradas Escrituras estão repletas de textos que orientam a respeito de como bem viver. E, entre os textos, ressalto aqueles que falam sobre o amor. Amar é simples e, ao mesmo tempo, complicado. Podemos amar intensamente a Deus e, simultaneamente, odiarmos irmãos e irmãs. Talvez seja por isso que os textos bíblicos nos ensinem que o amor deve ser visto, compreendido e praticado como se fosse uma moeda de dupla face. Sermos amados por Deus representa uma dessas faces. Diz o texto bíblico: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna (João 3,16). Todavia, não é possível viver o discipulado com apenas a parcialidade do amor. É extremamente saudável e importante saber que Deus nos ama tão intensamente que é capaz de doar seu precioso filho. Mas, se lermos 1 João 3,16, seremos exortados a uma ação amorosa que se inicia justamente em nós: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelo seu irmão”. O Deus invisível se revela na visibilidade humana! Crer em Jesus Cristo e não amar uns aos outros é uma negação do Evangelho.

Por isso, para Santa Dulce, não é possível amar a longa distância. A distância espacial gera a distância emocional, a distância emocional gera a apatia. Distantes, tornamo-nos glaciais em nossos relacionamentos e sem capacidade de exercitar o amor. Ela dizia: “Se amamos a Deus como ele deve ser amado, então fazemos tudo por ele, por aquele que é sua imagem e semelhança: o pobre, o carente, o necessitado”.

Poderíamos, até mesmo, dizer que o amor treinou os olhos de Santa Dulce para encontrar os outros Cristos nas ruas da periferia: “Se Deus viesse à nossa porta, como seria recebido?” Atenta, sabia discernir que “aquele que bate à nossa porta, em busca de conforto para a sua dor, para o seu sofrimento, é um outro Cristo que nos procura”.

Para Santa Dulce, o altar e o sagrado estavam muito mais próximos do que poderíamos imaginar. Se dez vezes vou ao encontro dos pobres, dez vezes me encontro com Deus; essa era a mais bela realidade em sua vida.

Oração

Ave Maria, rainha do céu e protetora dos pobres e vulneráveis.

30° dia



Mensagem

A miudinha e frágil freira começou a apresentar problemas respiratórios e, por causa de um enfisema pulmonar, ela viveu os últimos trinta anos de sua vida com sérios problemas. No auge de sua fraqueza, 70% de sua capacidade respiratória estava comprometida e ela chegou a pesar apenas 38 quilos. No entanto, mesmo que o corpo solicitasse um passo mais devagar, ela sabia que a pobreza de tantos irmãos e irmãs exigia pressa. Debilitada, precisou ser internada. Em 1991, mais precisamente no dia 20 de outubro, ela recebeu a visita do Papa João Paulo II e, dele, recebeu a bênção e a extrema-unção.

Dulce, o Anjo Bom da Bahia, a partir de sua canonização em 13 de outubro de 2019, em uma celebração presidida pelo Papa Francisco, no Vaticano, em Roma, tornava-se o Anjo Bom de todas as pessoas em todo o mundo. Afinal, a compaixão, a solidariedade, o acolhimento, a fraternidade, a doação e a convivência com o outro Cristo pobre é uma missão que cabe a todos os discípulos e discípulas de Jesus ao redor do mundo.

Desde a periferia de Salvador, onde vivia e caminhava com os pobres, ela perseguiu sua missão, ensinando-nos que a santificação também acontece na prática da justiça, da solidariedade, da compaixão, da doação e do amor aos pobres.

Seu exemplo de doação total a Deus e aos pobres rompeu as fronteiras do Brasil. Trata-se, sem dúvida, de uma santa brasileira que, desde a periferia, apresentou a radicalidade de ser uma discípula de Jesus para todo o mundo.

Irmã Dulce faleceu na mesma cidade em que nasceu, Salvador, no dia 13 de março de 1992, pouco tempo antes de completar 78 anos.

Oração

A melhor das vidas é aquela vivida diante de Deus.

Coleção NOS PASSOS DOS SANTOS

Obras de Luiz Alexandre Solano Rossi

- *Nos passos de Santo Antônio*
- *Nos passos de Santa Rita de Cássia*
- *Nos passos de Santa Teresinha do Menino Jesus*
- *Nos passos de São José*
- *Nos passos de São Vicente de Paulo*
- *Nos passos de Santa Teresa de Calcutá*
- *Nos passos de São Francisco de Assis*
- *Nos passos de São Luís e Santa Zélia*
- *Nos passos de Santa Dulce dos Pobres, o anjo bom da Bahia*

Direção editorial:

Pe. Sílvio Ribas

Coordenação de revisão:

Tiago José Risi Leme

Capa:

Elisa Zuigeber

Foto da capa:

Anthony R. Worley

Coordenação de desenvolvimento digital:

Alexandre Carvalho

Desenvolvimento digital:

Daniela Kovacs

Conversão EPUB:

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rossi, Luiz Alexandre Solano

Nos passos de Santa Dulce dos pobres, o anjo bom da Bahia [livro eletrônico] / Luiz Alexandre Solano Rossi.
- São Paulo: Paulus, 2019.

710 Kb (Coleção Nos passos dos santos)

ISBN 978-85-349-5085-5 (e-book)

1. Dulce, Irmã, 1914-1992 - Orações e devoções 2. Santas católicas - Biografia 3. Devoções diárias I. Título

CDD 282.092

19-1242

CDU 235.3:929

Índices para catálogo sistemático:

1. Santas: Igreja católicas - Biografia

1ª edição, 2019 (e-book)

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

[Facebook] • [Twitter] • [Youtube] • [Instagram]

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro



Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)

Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

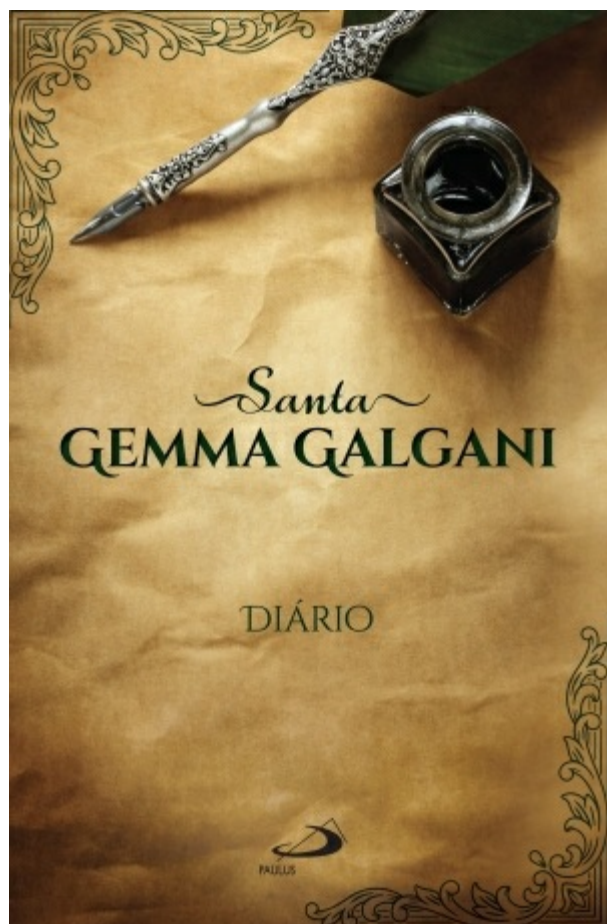
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fim de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Youcat, Fundação

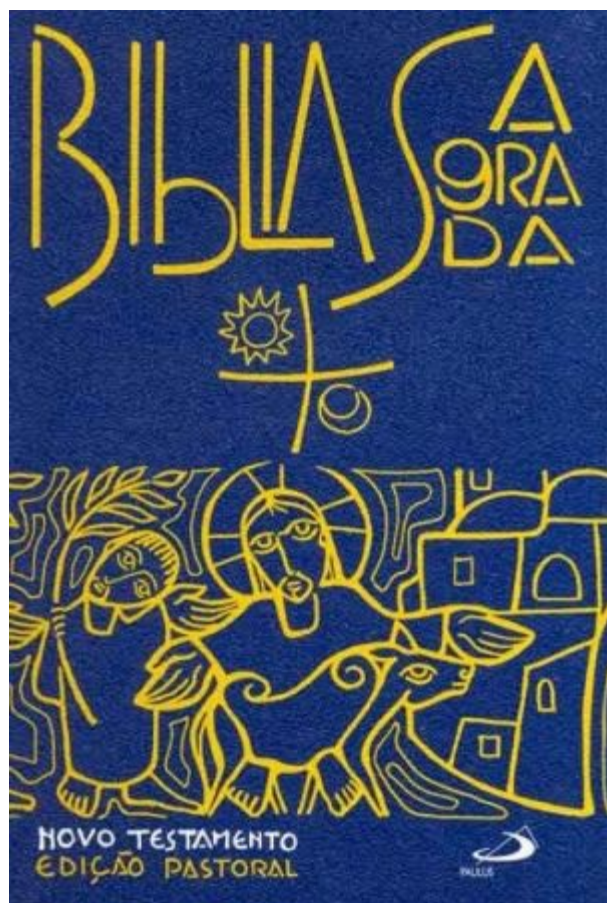
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

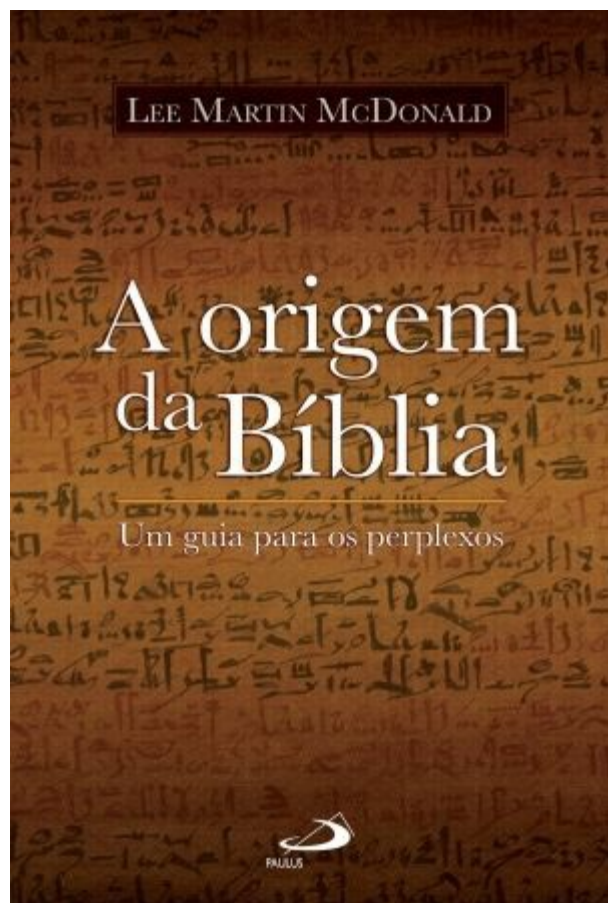
9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Esta edição contém o Novo Testamento, com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Folha de rosto	2
Apresentação	4
1º dia	5
2º dia	8
3º dia	11
4º dia	14
5º dia	17
6º dia	20
7º dia	23
8º dia	26
9º dia	29
10º dia	32
11º dia	35
12º dia	38
13º dia	41
14º dia	44
15º dia	47
16º dia	50
17º dia	54
18º dia	57
19º dia	61
20º dia	64
21º dia	67
22º dia	70
23º dia	73
24º dia	76
25º dia	80
26º dia	83
27º dia	86
28º dia	89
29º dia	92

30º dia	95
Coleção	98
Ficha catalográfica	99